A IMUTABILIDADE DA NARRATIVA IMPRESSA E A FUNÇÃO EDUCATIVA DA LITERATURA

Magdiel Júnior da Silva[1]
magdieljunior@hotmail.com

Mudam-se os moldes, os suportes, mas permanece a mágica, o encantamento, o estranho poder que essa instância imaterial - a literatura - exerce sobre todos os povos, culturas, tradições de tempos e lugares distintos.

O texto literário imortaliza o discurso. Torna-o imutável, ao mesmo tempo que é capaz de mudar o mundo real. O texto literário também parece se estabelecer em um continuum capaz de autorizar ou desautorizar fatos, de modo que, às vezes, pode possibilitar ao leitor elaborar suas hipóteses e construir suas verdades no texto ficcional; "imaginar" a seu gosto como os fatos se sucederam. Embora, por outro lado, também desautoriza o leitor, como entidade do mundo real, mudar os rumos do destino do fato ficcional. Este, por sua vez, parece possuir um natureza imutável – a trajetória dos fatos ficcionais é, portanto, historicamente construída no inconsciente coletivo; no íntimo mais profundo do imaginário comum, solidificando-se e tornando-se parte da história social do povo a quem essa produção literária é abraçada.

A entidade ou a instância espacio-temporal ficcional no conto, no romance, na novela, na estória, em qualquer que seja a narrativa ficcional, nasce e desenvolve uma existência própria; independente da exterioridade do real. Então, a partir daí passa a crescer no imaginário de todos(as) leitores(as) que o perceberão como realidade inquestionável, uma vez a árvore do imaginário comum cresça e se enraíze profundamente no inconsciente popular.

Diferentemente, da narrativa hipertextual, passível às mudanças do leitor-escritor virtual, o conto “pronto”, “impresso” (imodificável), em sua estrutura fechada, dividida em início e fim fatalmente determinados a cristalização e internalização, representa, de algum modo, a finitude da vida. Eco (2000) nos diz que

[1] Graduado em Letras – Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Graduando em Letras – Português pelo Instituto Federal da Paraíba (IFPB). Aluno do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola – GDE pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

> A dolorosa maravilha que nos proporciona cada releitura dos grandes trágicos é que seus heróis, que poderiam fugir de um fado atroz, por debilidade ou por cegueira não compreendem ao encontro do que estão indo, e precipitam-se ao abismo que cavaram com as próprias mãos. (ECO, 2000, p. 21).

E para seguir seu inevitável caminho de morte, essa mesma versão do acontecimento literário consagrará sepulcralmente uma rigidez inexorável de sua inércia factual através da memória coletiva.

Umberto Eco (2003, p. 21 *apud* SILVA, 2014, p. 88), afirma que “[a] educação ao Fado e à morte é uma das funções principais da literatura. A literatura, portanto, parece ter esse poder catártico, ao mesmo que assume essa função educativa de mostrar a(o) seu(a) leitor(a), a imutabilidade e a impotência humana frente ao poder do destino inevitável de sua finitude.

REFERÊNCIAS

ECO, Umberto. Sobre algumas funções da literatura**.** In: Sobre a literatura: ensaios. 2. Ed., Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 9 – 21.

SILVA, Otoniel Machado da; [et al.]. **Introdução aos estudos literários**. João Pessoa: IFPB, 2014, p.75 – 91.